

HENRI WALLON: SUA TEORIA E A RELAÇÃO DA MESMA COM A PRÁTICA¹

Anna Flávia Lima Souza

Beatriz Rezende de Jesus

Geosman Francisco Leite Junior

Rose Izabel Naves da Silva

Suellem Reis e Silva Morais²

RESUMO: Com uma teoria que abrange toda a infância do ser humano Henri Wallon deu uma importante contribuição para a Psicologia e Pedagogia. Nas páginas seguintes abordaremos sua vida e suas teorias. Posteriormente atestaremos a validade de suas teorias na prática, de acordo com uma pesquisa fenomenológica desenvolvida pelo grupo.

Palavras-chave: Wallon. Desenvolvimento. Criança. Pesquisa fenomenológica.

Introdução

Nascido na França em 1879, Henri Wallon dedicou sua vida ao ser humano. Atuando como médico, professor e psicólogo, Wallon desenvolveu estudos e teorias que beneficiaram tanto a Psicologia, quanto a Pedagogia. Criado em um ambiente humanista, Wallon desde cedo teve seu interesse pelo social, pelo humano, despertado.

Iniciou seus estudos com a Filosofia, em seguida partiu para a Medicina e posteriormente para a Psicologia. A biografia de Wallon nos mostra que o mesmo era um homem bastante ativo. Durante sua vida trabalhou como professor de ensino secundário, médico do exército francês, médico de instituições psiquiátricas, aliou-se ao Partido Socialista, foi perseguido pela Gestapo, aliou-se ao Partido Comunista. Tudo isso sem jamais interromper sua atividade científica.

Além de tudo isso Wallon foi ainda amigo de grandes artistas da época como Signac, Matisse e Renoir. Sobre a arte disse Wallon: “Há um grande parentesco entre o artista e o cientista. O cientista tem necessidade de mais imaginação do que costuma-se

² Graduandos do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG), UnU – São Luís de Montes Belos.

supor. Ele precisa remanejar a realidade para compreendê-la. O artista precisa desarticulá-la para reafirmá-la à sua maneira.”³

Após anos trabalhando como médico e psiquiatra Wallon solidifica seu interesse pela criança, desenvolve estudos na área, inclusive sua tese de doutorado (*A criança turbulenta*). Após anos estudando a psicologia infantil Wallon cria a revista *Enfance*, focada em pesquisas infantis.

O interesse pela psicologia infantil leva Wallon a considerar a Pedagogia como área de extrema importância para a Psicologia,

Considerava que entre a psicologia e a pedagogia deveria haver uma relação de contribuição recíproca. Via a escola, meio peculiar a infância e ‘obra fundamental da sociedade contemporânea’, como um contexto privilegiado para o estudo da criança. Assim, a pedagogia oferecia campo de observação à psicologia, mas também questões para a investigação. A psicologia, por sua vez, ao construir conhecimentos sobre o processo de desenvolvimento infantil ofereceria um importante instrumento para o aprimoramento da prática pedagógica. (GALVÃO, 2007, p.23)

Após uma vida dedicada ao ser humano, a principalmente ao estudo da criança, Wallon vem a falecer em 1962, em sua terra natal.

A teoria de Wallon

A teoria do desenvolvimento de Wallon é centrada na psicogênese da pessoa, ou seja, busca estudar o desenvolvimento do ser humano a partir de uma perspectiva genética pelo viés de uma análise comparativa. Sendo assim,

[...] o desenvolvimento da criança se constitui no encontro, no entrelaçamento de suas condições orgânicas e de suas condições de existência cotidiana, encravada numa dada sociedade, numa dada cultura, numa dada época. (MAHONEY, 2004, p.14)

Para Wallon o eixo principal do processo de desenvolvimento é uma integração em dois sentidos, integração organismo-meio e integração cognitiva-afetiva-motora. Acreditava que para um estudo eficaz do desenvolvimento era necessário levar em conta os vários campos funcionais: afetividade, conhecimento (cognição/inteligência) e

³ ZAZZO, René. *Enfance*, 1968, 1-2. In: GALVÃO, Isabel. Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 16 ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2007.

motricidade. Cada atividade da criança resulta, então, da integração pela pessoa do cognitivo com o afetivo e com o motor. (MAHONEY, 2004, p.18).

O movimento é a primeira forma de expressão da criança e é o primeiro campo a se desenvolver. É através do movimento que desenvolvemos nossa percepção. Wallon ressalta a que a motricidade, percepção do eu corporal, é indissociável e necessária ao desenvolvimento do eu psíquico.

É pela interação com os objetos e com o seu próprio corpo – em atitudes como colocar o dedo nas orelhas, pegar os pés, segurar uma mão com a outra – que a criança estabelece relações entre seus movimentos e suas sensações e experimenta, sistematicamente, a diferença de sensibilidade existente entre o que pertence ao mundo exterior e o que pertence a seu próprio corpo. (GALVAO, 2007, p.51)

A dimensão cognitiva possibilita a pessoa a adquirir conhecimento sobre si e sobre o mundo que a cerca. Para que o desenvolvimento cognitivo da criança se estabeleça de forma eficaz é necessária integração harmoniosa entre fatores sociais e biológicos. Assim como também a linguagem, exerce grande influência para o desenvolvimento cognitivo.

Segundo Wallon, a linguagem é o instrumento e o suporte indispensável aos progressos do pensamento. Entre pensamento e linguagem existe uma relação de reciprocidade: a linguagem exprime o pensamento, ao mesmo tempo que age como estruturadora do mesmo. (GALVAO, 207, p.77)

Divide ainda pensamento infantil em pensamento sincrético (caracterizado pela fabulação, tautologia, elisão e contradição) e pensamento categorial (caracterizado pela ordem e organização do pensamento na criança).

Há ainda a afetividade, que é a característica do ser humano de ser afetado interior e exteriormente por sensações de bem-estar e mal-estar, que segundo Wallon pode ser dividida em: emoção, sentimento e paixão, sendo a emoção a primeira expressão da afetividade, o sentimento tendo um caráter mais cognitivo e a paixão se o autocontrole em função de um objetivo.

A afetividade é um conceito amplo que, além de envolver um componente orgânico, corporal, motor e plástico, que é a emoção, apresenta também um componente cognitivo, representacional, que são os sentimentos e a paixão. O primeiro componente a se diferenciar é a emoção, que assume o comando do desenvolvimento logo nos primeiros meses de vida; posteriormente,

diferenciam-se os sentimentos e, logo a seguir, a paixão. (DÉR In: MAHONEY, 2004, p. 61)

Wallon vê o desenvolvimento de forma progressiva, em etapas (ou estágios), cada um deles sendo um sistema completo, com características e interesses próprios e, cada um sendo indispensável para o aparecimento da etapa seguinte.

No desenvolvimento humano podemos identificar a existência de etapas claramente diferenciadas, caracterizadas por um conjunto de necessidades e de interesses que lhe garantem coerência e unidade. Sucodem-se numa ordem necessária, cada uma sendo a preparação indispensável para o aparecimento das seguintes. (GALVÃO, 2007, p.39)

Estágio Impulsivo-Emocional

O *estágio impulsivo-emocional* (0 - 1 ano) é caracterizado por vários fatores, dentre eles uma movimentação desordenada ocasionada por sensações de bem e mal-estar. Todos seus gestos, mímicas e vocalizações, ou seja, suas maneiras de comunicação expressam algum tipo de emoção. Emoção essa que é a principal característica do *estágio impulsivo-emocional*.

A emoção origina os impulsos coletivos, a fusão das consciências individuais numa alma comum e confusa. É nessa fusão que o indivíduo em primeiro lugar se compreende. (MAHONEY, 1976, p.152)

Nesse estágio a criança é fusionada ao mundo ao seu redor, não tem consciência entre o *eu* e o *outro*. A predominância afetiva domina as primeiras reações do bebê às pessoas. A exuberância de suas manifestações é proporcional a sua inaptidão em agir sobre o mundo, sobre a realidade exterior.

Nesse estágio, a emoção estabelece um vínculo muito forte entre os indivíduos do grupo, cuja coesão garante. Sem estabelecer um paralelismo muito acentuado entre a história da espécie e o desenvolvimento do indivíduo, cumpre admitir que a criança, nessa idade, está num estágio emocional inteiramente análogo. Mais tarde, ela terá de distinguir sua pessoa do grupo, terá de delimitá-la por meios mais intelectuais: por ora, trata-se de uma participação total, de uma absorção no outro, profundamente fecunda. (GALVÃO, 2007, p. 117)

Estágio Sensório-Motor e Projetivo

No *estágio sensório-motor e projetivo* (1 – 3 anos) o interesse da criança se volta para a exploração sensória motora do mundo físico (sensibilidade exteroceptiva). As aquisições da marcha e da preensão possibilitam-lhe maior autonomia na manipulação de objetos e na exploração de espaços. Outro marco fundamental deste estágio é o desenvolvimento da função simbólica e da linguagem, o termo “projetivo” empregado para nomear o estágio deve-se à característica do funcionamento mental neste período: ainda nascente o pensamento precisa do auxílio dos gestos para se exteriorizar, o ato mental projeta-se em atos motores. Ele vê o adulto e age como as atitudes do mesmo.

Ao contrário do estágio anterior, neste predominam as relações cognitivas com o meio (inteligência prática e simbólica).

Este período é caracterizado por um tipo de inteligência denominado por Wallon inteligência prática. A capacidade de resolver problemas em determinado estado concreto é o que possibilita à criança a investigação do mundo pela manipulação dos objetos e pelos exercícios no espaço. (MAHONEY, 2004, p.84)

A formação do eu corporal corresponde à integração do corpo, das sensações ao corpo visual, isto é, a junção do corpo tal como sentido pelo próprio sujeito à sua imagem tal como vista pelos outros. A criança frente ao espelho leva um tempo até que reconheça como sua imagem refletida. Este processo é beneficiado pelo desenvolvimento das condutas instrumentais e da função simbólica.

O processo ensino-aprendizagem no lado afetivo se revela pela disposição do professor de oferecer diversidade de situações, espaço para que todos os alunos possam participar igualmente uma vez que a criança encontra-se num estado de sociabilidade sincrética. O sincrético é utilizado para designar as misturas e confusões a que está submetida a personalidade infantil, ou seja, no pensamento sincrético encontra-se misturados aspectos fundamentais, como o sujeito e o objeto pensado; tudo pode se ligar a tudo, as representações do real (ideias, imagens) se combinam das formas mais variadas e inusitadas.

Usual na psicologia, o adjetivo sincrético costuma designar o caráter confuso e global do pensamento e percepção infantis. Segundo nosso autor, esta globalidade está presente em vários aspectos da atividade mental que percebe e representa a realidade de forma indiferenciada. (GALVÃO, 2007, p. 81)

A criança não consegue aceitar que algo possa ter dois ou mais significados, ou seja, ela não entende que se sua mãe se chama Maria, outra pessoa também possa se chamar Maria, o nome está associado à pessoa (a mãe).

Personalismo

Wallon irá descrever o *personalismo* como o que vem a ser o estágio do espelho, momento do desenvolvimento infantil, por volta dos 3 aos 6 anos, em que a criança constrói uma imagem externa, um esquema corporal de si.

O eu não é um dado original na psicologia humana, senão o fruto de uma longa trajetória, repleta de movimentos críticos ou crises. Mas, para Wallon, tais crises não são vistas como necessariamente negativas, ao contrário são momentos indispensáveis, para a constituição da personalidade, cujas atividades estão sob o predomínio do domínio afetivo. Exige superar a oposição entre o mundo real concreta e o mundo igualmente real, mas virtualizado, desdobramento do primeiro, a criança volta-se a tarefa de construir-se a si. É então que surge a crise do personalismo, momento no qual, com seu eu ainda instável e sincreticamente se mescla ao outro, passa a efetuar o trabalho de diferenciação entre este eu e o outro. É preciso se opor ao outro para afirmar a si. “A construção da consciência de si, que se dá por meio das interações sociais, reorienta o interesse da criança para as pessoas, definindo o retorno da predominância das relações afetivas. (GALVÃO, 2007, p.44)”.

A criança vive um momento fortemente exibicionista, procurando a aceitação do outro. Passa a imitar as pessoas que mais admira, procurando assim absorver as qualidades do outro que a atrai. Mas ao mesmo tempo, nessa imitação, coloca seu próprio jeito de ser, eliminando assim o outro e transformando-se em si própria. Nesta idade a criança amplia suas relações, tem contato com outros grupos além de seus familiares, por isso a escola tem um papel importante nesta fase.

Ao final deste estágio, mais dona de si mesma, dos seus gestos, das suas ações, a criança vai voltar seu interesse para a investigação do mundo exterior, o que inaugura uma nova direção no seu processo de desenvolvimento, ao emergir o estágio categorial. (AMARAL In: MAHONEY, 2004, p. 85)

Estágio Categorial

Segue abaixo algumas características do *estágio categorial* (6 -11 anos de idade):

- Lei de Alternância Funcional: movimento voltado para o mundo externo.
- Lei de Predominância Funcional: maior evidência do fator cognitivo.

Esse estágio caracteriza-se pelo fato de a criança começar a perceber que existe uma diferenciação entre si própria e o mundo externo. Entre 6 e 7 anos torna-se possível tirar a criança de suas atividades espontâneas para fazer com que ela se dedique às outras que pressupõem autodisciplina, é quando se inicia sua vida escolar. A escola facilita o desenvolvimento de suas potencialidades, transformando/confirmando sua imagem originada na família.

Por volta dos seis anos, inicia-se o estágio categorial, que, graças à consolidação da função simbólica e à diferenciação da personalidade realizadas no estágio anterior, traz importantes avanços no plano da inteligência. Os progressos intelectuais dirigem o interesse da criança para as coisas, para o conhecimento e conquista do mundo exterior. (GALVÃO, 2007, p.44)

A autodisciplina mental, designada por Wallon como atenção, se estabelece devido à maturação dos centros nervosos de inibição e discriminação traduzindo-se também em atividades e posturas motoras mais precisas e de forma voluntária. Neste momento a objetividade começa a substituir o sincretismo. A diferenciação entre o *eu* e o *outro*, iniciada no estágio anterior, fornece condições estáveis para exploração mental do mundo físico.

Trata-se de um período de exercício intenso das funções cognitivas, propiciadas pela maior capacidade de intervenção no meio social; a criança exercita o novo poder que lhe dão a memória, a atenção, a percepção e, particularmente, o pensamento, que, nessa fase, deverá diferenciar-se chegando, ao final do estágio, às características do pensamento adulto. (AMARAL In: MAHONEY, 2004, p.85)

A criança origina seus pensamentos tanto em suas experiências pessoais quanto no que aprende através do meio. Entre essas duas formas de conhecimento pode haver contradições que darão força ao seu desenvolvimento, pois através do enfrentamento delas é que irá mudando de estágios.

No início deste estágio o pensamento por pares é predominante. Esses pares formam-se por contrastes ou oposições tanto quanto por vínculos ou semelhanças. É o

par que sustenta o pensamento sincrético. Enquanto seu mundo interno é povoado de sonhos e fantasias, o externo é repleto de símbolos e códigos culturais, é nesse contexto que desenvolve sua inteligência, na qual o sincretismo é um fator determinante.

As novas percepções criam uma série de discriminações para as crianças dentre as pessoas, os objetos e os acontecimentos. A criança mantém nesse estágio uma relação mais estável com os adultos. A afetividade que vivencia com o outro determina o teor positivo ou negativo do que ela pensa, sente e faz. Suas potencialidades serão determinadas pelo meio em que vive. A relação nutrida no seio familiar é diferente da relação que a tradição escolar apresenta, e, essa mudança a individualiza enquanto se adapta entre o que é “certo” e o que é “errado”. Nesse estágio há duas partes a primeira denominada de pré-categorial, entre 6 e 9 anos, caracterizado pelo pensamento sincrético. E a segunda é fase categorial, entre 9 e 11 anos, onde a criança classifica e ordena todas as coisas que vivencia.

No início desse estágio há a presença do sincretismo que é a principal característica do pensamento infantil e relaciona-se ao estado de fusão em que se encontra quando ainda não separou o *eu* do *outro*. Há quatro características do pensamento sincrético que podem ser observadas:

- Fabulação: inventar histórias
- Tautologia: repetição de palavra como recurso para definir algo
- Elisão: exclusão de elementos
- Contradição: substituição de ideias contrárias.

Puberdade e Adolescência

Nesta etapa é imposta pelo próprio indivíduo uma nova definição dos contornos de sua personalidade. O indivíduo busca uma identidade autônoma, explorando a si mesmo, diante de questionamentos e confrontos. É um estágio altamente influenciado pelas mudanças no corpo e, principalmente, por mudanças hormonais.

Nesta faixa etária, ocorre a capacidade de definir, ou seja, a transformação da representação em classes definidas, a partir dos ajustamentos sistemáticos e de exclusões de propriedades não pertinentes ao objeto. Estreitamente ligada à definição, a capacidade de explicar torna possível a compreensão e de si o do mundo, mas esse conhecimento passará sempre pelo crivo da afetividade, que, a cada novo estágio, se apresenta com características particulares,

resultantes das conquistas no plano da cognição. (AMARAL In: MAHONEY, 2004, p. 91)

Nesse estágio o jovem nega a infância, sente-se perdido em relação a si mesmo e a seu corpo, questiona valores paternos e busca fugir do domínio dos mesmos. Há nesta etapa uma necessidade de conquista, de renovação, de aventuras.

Do ponto de vista intelectual, a adolescência é a fase em que o jovem se questiona sobre o destino do mundo e o porquê de as coisas serem como são. Busca transformar o mundo, anseia por um mundo melhor. Este é o momento de opções religiosas, místicas, políticas, e os jovens procuram se filiar a grupos ideológicos. Tais grupos o ajudam a buscar o significado da vida, assim como uma ação efetiva de transformação. É a esperança presente na utopia juvenil. (GULASSA In: MAHONEY, 2004, p.112)

Pesquisa Fenomenológica: Estágio Impulsivo-Emocional

A pesquisa foi putada na observação de crianças de diferentes idades, ou seja, nos diferentes estágios do desenvolvimento de Wallon. No estágio impulsivo-emocional a criança observada pertence ao sexo masculino e tem 6 meses de idade. O comportamento da criança condiz com a teoria de Wallon. Suas atitudes são esperadas para a idade. A criança apresenta comportamento calmo, sorri quando perto dos pais e tende a chorar quando é colocado do lado de um estranho. Chora também sempre que se sente incomodada, seja pela roupa, fome, dor ou pela fralda suja. Fica feliz ao começar a comer e quando não quer mais vira o rosto.

Tudo isso indica o caráter impulsivo-emocional no qual se encontra a criança, agindo exclusivamente em função de suas emoções.

“[...] a criança se inicia num estado simbiótico e sincrético com seu grupo. Por meio das emoções, inicialmente pertence ao seu meio e grupo, antes de pertencer a si própria. (GULASSA In: MAHONEY, 2004, p.105)

Estágio Sensório-Motor e Projetivo

Foram observadas crianças de 1 a 3 anos em um CEMEI de São Luís de Montes Belos - GO, sendo 5 meninos e 6 meninas. A observação mostra que a teoria e prática estão condizentes. Wallon afirma que “a cada idade estabelece-se um tipo particular de

interações entre sujeito e ambiente” sendo assim, no estágio sensório-motor e projetivo, a criança explora o mundo ao seu redor.

As crianças observadas nessa faixa etária estão no auge do estágio sensório-motor e projetivo; começando a caminhar sozinhas (caminhando sozinhas tem mais liberdade e com isso buscam independência), são bem curiosas, contam histórias sem coerência, chamam atenção quando tem alguém diferente do meio em que ela está inserida; gostam de imitar os outros coleguinhas e até mesmo a professora. São também um tanto egocêntricas, não querem dividir seu brinquedo com os demais.

“Por volta dos três anos, quando ela já começa a se diferenciar do outro, o grupo passa a desempenhar um novo papel em sua formação. Os papéis existentes e definidos no grupo levam-na a cada vez mais realizar uma aprendizagem sobre os sentimentos e hábitos sociais existentes e sobre sua separação do outro. (GULASSA In: MAHONEY, 2004, p.107)”

Fica evidente também o pensamento sincrético, pois quando perguntado a duas crianças cujos pais tinham o mesmo nome, uma não aceitou que o pai da outra criança tivesse o mesmo nome de seu pai, mostrando assim claramente o pensamento sincrético. A criança pensa e age ao mesmo tempo, como pode observado nas brincadeiras, elas chegam a contar longas histórias, começam com um assusto e terminam em outro totalmente diferente, o pensamento ainda é meio confuso.

Personalismo

A observação foi feita em um CEMEI da cidade de São Luís de Montes Belos – Go, onde foi observado em primeira instância o prédio onde abrigava os alunos, o espaço físico da unidade é algo que tem que ser contemplado pela organização, salas bem organizadas e não muito cheias, refeitório, área de recreação, banheiros, cozinha e tudo com espaço adequado. Este CEMEI abriga crianças de 1 a 5 anos de idade, onde são separados por faixa etária.

O primeiro contato com a criança escolhida foi no refeitório, onde ela se tornou o centro das atenções entre os colegas, por causa de sua inquietação e seu exibicionismo na hora do lanche. Com o fim do lanche a turma onde a criança observada estava foi para o pátio onde puderam ser feitas outras observações, como a imitação, que ele fazia da professora, mas de forma que suas características estavam expostas como o jeito de lidar com os colegas.

A professora propôs uma atividade onde desenhassem com giz, tinha giz cor de rosa e azul, todos os alunos pegaram o giz e começaram a desenhar quando aluno observado pegou o dele logo ele olhou para o dos outros meninos e disse que quem estava com o giz cor de rosa era menininha, e os meninos que estavam com o giz cor de rosa correram e trocaram.

“A identidade da criança ainda está se definindo, com instabilidade na construção do eu, apresentando oscilações entre eu e outro, necessitando das crises de oposição para se afirmar, diferenciar e construir. A criança precisa da constância e da continência do adulto, uma vez que, em seu movimento, traz inconstância no eu, que se mostra repleto de subjetivismo. (GULASSA In: MAHONEY, 2004, p.107)”

Nesta fase a criança avança na constituição do eu psíquico, o que significa intensificação do exercício de diferenciação *eu - outro* que proporcionará a saída do sincretismo psíquico.

Estágio Categorical

Foi observada em uma escola X, uma turma do quinto ano, cerca de trinta alunos de 10-11 e até 12 anos de idade, tanto do sexo masculino como do feminino, onde se pode observar que eles e elas realmente estão no *estágio categorial*, pois sabiam identificar diversos grupos sociais, família, amigos e colegas de escola. Eles já começam a entender os conceitos. Estavam em uma aula de matemática e a matéria discutida eram quadrados. Eles já sabem que apesar de ter diferentes tamanhos de quadrados todos se enquadram no conceito de quadrados. Eles sabem que a mãe de João chama-se Marta, mas apesar da mãe de Maria também se chamar Marta não são a mesma pessoa.

“Nessa idade, a criança passa a ser capaz de reconhecer que uma unidade pode combinar com outros conjuntos variados, ou seja, que uma unidade possa ser acrescentada ou retirada de um conjunto provocando nele uma modificação. (GULASSA In: MAHONEY, 2004, p.109)”

Os comportamentos condizem com a teoria de Wallon, apesar de se observar também algumas digressões em algumas crianças de 10 anos, que inventavam histórias e têm comportamento de crianças 6 anos.

Foi observada também uma menina de 7 anos da zona rural. Ela apresentou claramente a presença do pensamento sincrético: inventa historinhas para passar o tempo, repete palavras que já foram ditas e tem pensamentos e falas contraditórias. Contradiz-se com facilidade, se num momento diz: “minha prima é mal”. Em outro momento já nega sua afirmação: “minha prima brinca comigo, eu gosto dela”. Tudo como era previsto por Wallon nessa faixa etária.

5. Puberdade e Adolescência

A criança escolhida é do sexo masculino e tem doze anos de idade. A escolha do aluno se deu pelas atitudes observadas do aluno em sala de aula. Segundo a teoria de Wallon na fase da puberdade e adolescência este se volta ao egocentrismo, e neste adolescente podem-se perceber nitidamente tais atitudes. O adolescente agride o colega ao perceber que o mesmo tinha pegado sua caneta.

A permanência do aluno em sala de aula é quase impossível e a professora conversa, pede, mas o aluno só xinga, chuta os colegas e arrotta alto em sala, mais uma vez seguindo a teoria de Wallon que diz que nesta fase é visível o confronto com o adulto e a auto afirmação de suas próprias ideias.

[...] a crise pubertária rompe a “tranquilidade” afetiva que caracterizou o estágio categorial e impõe a necessidade de uma nova definição dos contornos da personalidade, desestruturados devido às modificações corporais resultantes da ação hormonal. Este processo traz à tona questões pessoais, morais e existenciais, numa retomada da predominância da afetividade. (GALVÃO, 2007, p.44-45)

Considerações Finais

As teorias wallonianas quando postas à prova revelaram-se eficazes na descrição de comportamentos. Com o apoio da teoria walloniana é possível que se eduque e conheça crianças de forma confiável, respeitando as características e peculiaridades das mesmas, sempre observando cada estágio. Levando em conta principalmente a relação que a criança mantém com as pessoas e com a realidade ao seu redor. Conclui-se assim que a teoria do desenvolvimento de Henri Wallon condiz com a realidade e fornece subsídios para um ensino eficaz e completo.

Referências Bibliográficas

GALVÃO, Isabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 16 ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2007.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.